



A EXPERIÊNCIA DO LIVRO EM HÉLIO OITICICA E STÉPHANE MALLARMÉ

THE EXPERIENCE OF THE BOOK
IN HÉLIO OITICICA AND STÉPHANE MALLARMÉ

Luciana Silva Camara da Silva¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Esse trabalho objetiva analisar o diálogo entre as artes na construção do que se poderia chamar de um “desejo” de Livro, segundo o artista plástico, Hélio Oiticica e o poeta, Stéphane Mallarmé. Trata-se de refletir sobre os limites e as possibilidades da escrita experimental em dois estudos de caso em que o espaço visual está aliado ao espaço literário na tentativa de criação de um Livro planejado, mas inacabado, ao mesmo tempo, suma e negação da obra de cada autor. O livro como objeto físico torna-se um território pleno de subversão por parte destes dois artistas que instituíram em suas obras programas estéticos que visavam a transcender os limites definidos, respectivamente, pela dimensão plástica e pela poesia. Em seus Livros, singularidades e semelhanças podem ser apontadas: demandam uma forma inovadora e radical para dar conta de um processo de criação em que tudo desemboca na feitura da “grande obra”. Desse modo, ambos aspiravam à realização do Livro como obra permanente e interminável, indo ao encontro de uma radical proposta artístico-poética, em que a realização artística dialoga com a própria impossibilidade artística, projetando seus percursos a partir da escrita em crise, do espaço que essa escrita ocupa e do poético nas artes.

Palavras-Chave: Stéphane Mallarmé; Hélio Oiticica; Escrita experimental; Relações interartísticas

¹ Endereço eletrônico da autora: lhucamara@gmail.com.

Abstract: *This paper aims to analyze the dialogue between the arts in the construction of what could be called a Book “desire”, according to artist Hélio Oiticica and poet Stéphane Mallarmé. It seeks to reflect on the limits and possibilities of experimental writing in two case studies in which visual space is combined with the literary space in an attempt to create a planned, but unfinished Book, at the same time, summary and denial of each author’s work. The book as a physical object becomes a full territory of subversion by these two artists who have established in their aesthetic works programs that aimed to transcend the limits respectively for painting and poetry. In their Books, singularities and similarities can be identified: they demand an innovative and radical way to realize a creative process in which everything flows in the making of the “great work.” Thus, both aspired to the realization of the Book as a permanent and endless work, meeting a radical artistic-poetic proposal, where artistic achievement speaks to artistic impossibility, projecting their courses from the writing in crisis, from the space that writing holds and poetic in the arts.*

Key-Words: *Stéphane Mallarmé; Hélio Oiticica; Experimental writing; Interartistic relations.*

Do Livro [...]: presente com o traço de relâmpago que o divide e reúne, e no entanto extremamente problemático, a ponto de continuar sendo, mesmo hoje, [...] a obra mais improvável. [...] um poder extremo de explosão, uma inquietude sem limites, que o livro não pode conter, que exclui todo o conteúdo, todo sentido limitado, definido e completo.

Maurice Blanchot (2005, p. 345).

Dois artistas. Duas ideias. Duas (in)certezas: o desejo-Livro. É desta forma, que este artigo pretende demonstrar como o poeta francês, Stéphane Mallarmé, e o artista plástico brasileiro, Hélio Oiticica pensavam e pretendiam construir o Livro. Um livro desejado, planejado, mas inacabado aos moldes ditados pelo cenário catalográfico ocidental. As ideias e relações mallarmeanas influenciaram o projeto de Oiticica, resignificando sua tentativa de concluir seu “desejo” de Livro através de uma experiência radical entre o que é a escrita, a forma e o conteúdo.

A partir da citação que inicia esse estudo, o Livro não era algo pensado para ser comum, era escritura experimental; um novo conceito de livro em que sentidos, ideias, vozes e silêncios traziam tudo para a sua confecção essencialmente híbrida – já que uma mistura de variáveis – e inventiva. Uma obra que deveria conter tudo para o seu autor, e neste mesmo ponto, o nada se expandia²; nascida com um propósito não comum, ela cresce de tal forma que o objetivo principal – ser um desafio – escapa aos dedos e torna-se obra *em aberto*.

De *fechada*, por onde as lacunas são um *studium*³ em si mesmo, à *aberta*, sugerindo diversidade de ideias e liberdade interpretativa entre a obra e o leitor – uma manifestação do *punctum*⁴ latente, construída no próprio processo de leitura, criação que nos dá uma pontada, uma estrutura aguda que incide na criatividade imagem-escrita

² O transbordamento das palavras é feito através da poesia, a dimensão da realidade adquire um novo *status* e tudo que vibrava como linguagem real traz o irreal como particularidade e assim, o nada invade o campo de o Livro, pois a linguagem conquistada pela ausência é a obra em si.

³ Cf. BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

⁴ Idem.

mallarmeana, modificando a percepção daquele que lê e trazendo a inquietação como proposta inicial.

O Livro arquitetado no espaço da folha de papel em branco, experimentado, como veremos adiante, por rabiscos e rasuras, esquemas e associações iniciou a base desta ideia, deste desejo e pulsão inebriante até o fim da vida do poeta francês. O caminho já havia sido traçado visto que a ausência do (im)possível torna-se tudo.

O Livro: o que significava essa palavra para Mallarmé? A partir de 1866, ele sempre pensou e disse a mesma coisa. Entretanto, o mesmo não é sempre o mesmo. Uma das tarefas seria a de mostrar por que e como essa repetição constitui o movimento que lhe abre, lentamente, um caminho. Tudo o que ele tem a dizer parece fixado desde o começo e, ao mesmo tempo, os traços comuns só o são grosseiramente (BLANCHOT, 2005, p. 327).

Eu não sou artista q se posa de artista: nem sei se sou artista: dizem que o artista acredita e eu não acredito: em nada nem no q faço. Hoje nem sei se é preciso acreditar em coisas, ideias, projetos: meu trabalho se assim se pode chamar é algo em processo contínuo de valores q se processam e q o processo interessa mais do q resultados palpáveis de coisa acabada, etc.: isso é fácil conceber mas não levar adiante nem assumir: é duro: nesta publicação q vou fazer q para mim é fundamental há textos e fragmentos e documentos desses anos aqui q dão hints do q seja o problema q nem eu sei formular porque se reveste de descobertas q faço a cada dia: não descoberta de ordem psicológica catártica q a meu ver são puramente da ordem naturalista mas descobertas de comportamento-fenômeno q se apresentam como transformação permanente (OITICICA apud COELHO, 2010, p. 180-181. Projeto HO # 1064.73, p. 2).

Durante boa parte da sua vida, Mallarmé aspira à concretude de um Livro que agregasse todas as suas ideias e anseios. A invenção de seu projeto em conjunto com a impossibilidade de concretude do Livro se lança como um desafio ilimitado no âmbito das artes, já que a linguagem pura e absoluta, assim como uma escrita total, em busca de uma linguagem estética universal e presente na poesia eram caminhos percorridos pelo poeta. De uma certa maneira, “[...] o livro incompleto de Mallarmé é uma referência direta para a literatura de invenção, pela sua tarefa infinita, pelo seu propósito radical e definitivo” (COELHO, 2010, p. 174).

Para o poeta, os trabalhos anteriores eram chamados de álbuns e somente um seria *le Livre*. De acordo com Blanchot, podemos elencar brevemente a trajetória do Livro de Mallarmé e seu pensamento a respeito dessa obra em processo:

Em 1867, ele “delimita” o desenvolvimento da Obra a três poemas em verso e quatro poemas em prosa. Em 1871, mas aqui o pensamento é um pouco diferente, anuncia um volume de contos, um volume de poesias, um volume de crítica. No manuscrito póstumo, publicado por Jacques Scherer, prevê quatro volumes, capazes de diversificarem-se em vinte tomos. [...] Mais tarde, ele exprimirá assim a ligação que, de um volume a vários outros, repete e amplifica as relações múltiplas presentes em cada um deles, e prontas para ali se desenvolverem, para se destacarem: “*Alguma simetria, paralelamente, que, da situação dos versos na peça se liga à autenticidade da peça no volume, voa, abre o volume, inscrevendo em vários, no espaço espiritual, a rubrica*”

ampliada do gênio anônimo e perfeito como uma existência de arte” (2005, p. 327-328. Grifo do autor).

Posteriormente, Mallarmé exprime a ligação de um volume ao outro, tornando-os partes intrínsecas e indissociáveis. Em carta escrita a Verlaine, em novembro de 1885, Mallarmé expõe o ato complexo da sua construção exaustiva em busca de uma ausência reveladora na transformação das palavras em sutis (im)possibilidades:

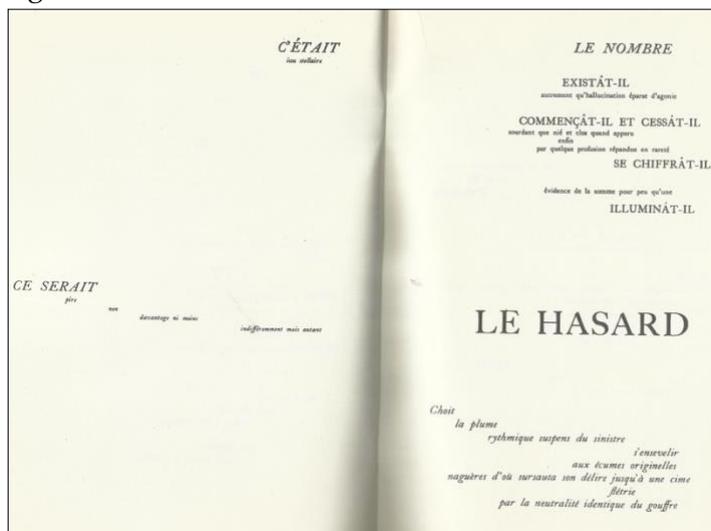
[...] um livro, simplesmente, em vários tomos, um livro que seja um livro, arquitetônico e premeditado, e não uma coletânea das inspirações casuais por maravilhosas que fossem... Irei mais longe, e direi: o Livro, convencido de que no fundo há um só, tentado à revelia por quem quer que tenha escrito, mesmo os Gênios (1995, p. 13-15).

É essa busca de um Livro total que pudesse dar conta de tudo que se encontra no mundo por meio da linguagem que Mallarmé deseja. Como explica Augusto de Campos (1974, p. 25) sobre o poeta francês: “é [...] o ponto extremo da consciencialização da crise do verso e da linguagem. Não é possível chegar ao novo sem passar por esse cabo das tormentas e/ou da esperança da poesia.”

Ao observar uma passagem do poema de vinte páginas, *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard* (“Um lance de dados jamais abolirá o acaso”), de 1897, (figura 1, A e B respectivamente), uma ideia do que seria o Livro absoluto e inconcluso é posta em tensão, levando-nos a observar essa construção que ocupou o poeta desde 1866 até os últimos dias de sua vida. O poema em questão exibe traços marcantes com o Livro, ainda em construção, através da tipografia, dos espaços em branco da página, da leitura que viria a ser feita utilizando as duas páginas em simultâneo e com uma grande importância desempenhada pela dobra entre elas.

Para o poeta, as palavras são formas visuais que se transformam em imagens ao desempenharem intensos movimentos no poema. Uma dança entre tipografias, espaços vazios e ocupados – poética renovada por Mallarmé em que une a escrita e a plasticidade inerente àquela forma artística ao desembocar outras dimensões para uma folha de papel.

Figura 1 A



CAMPOS et al., 1974, p. 24-25.

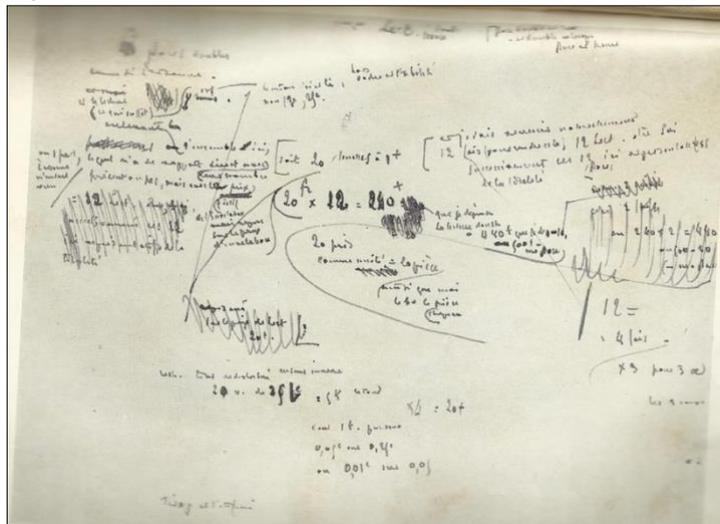
Figura 1 B



CAMPOS et al., 1974, p. 168-169.

Em todos estes elementos de *Um lance de dados*, percebemos os preparativos para o que viria a ser o projeto do Livro. O desejo do poeta de escrever o Livro era evidente. Ele seria arquitetado, premeditado e definitivo, expandindo o sentido de leitura e a palavra como imagem. Como fica claro no exemplo de manuscrito em que o poeta deixou diretrizes com explicações minuciosas sobre a composição, o número de folhas e a estrutura do Livro (figura 2):

Figura 2



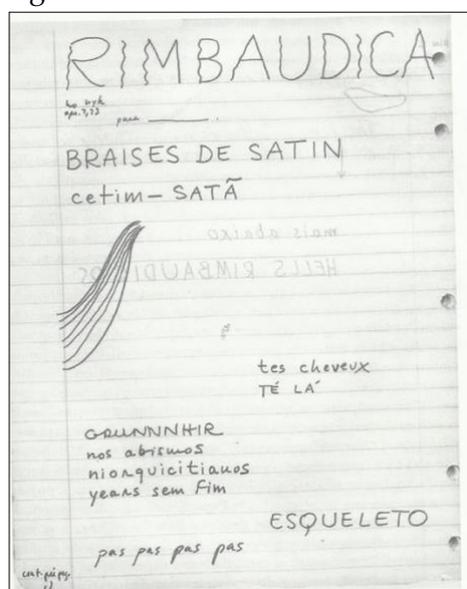
SCHERER, 1957, p. 170 (A).

De forma análoga, Oiticica se interessa por Mallarmé por ter rompido com as bases formais e estéticas do fazer poético de sua época e ansiado por uma espécie de Livro total. É a partir do poema mallarmeano que ver e ler ocorrem concomitantemente,

em que os brancos espaçados da folha inauguram-se como espaço literário e visual.⁵ O silêncio de seus espaços na escrita compõem um vívido som em que vozes inaudíveis tomam conta do espaço branco do papel e clamam uma música que busca ser ouvida, ser sentida como “vibrações de [...] sentidos em uma melodia única” (COELHO, 2010, p. 182), fixada no espaço visual da página, concebida como terreno de crise.

Mallarmé está muitas vezes presente como ponto inicial para o campo literário de Oiticica pelo seu caráter inventivo. Através do poema sem título, escrito em 1971, percebemos essa simbiose em que o artista plástico brinca com versos de Rimbaud, incorpora línguas, sonoridades, uso de caixa-alta, espaços, desenhos e invenções de palavras em uma intensa performance na folha de papel em que tudo é esboço e ao mesmo tempo processo de sentido – um tanto confuso para o leitor de seu traço descontínuo (figura 3):

Figura 3



COELHO, 2010, p. 145.

Uma obra heterogênea em que palavras inventadas, sons, desenhos, esboços seguiam a estratégia universal da experimentação em sua escrita e falavam por si, como um redemoinho de ideias, relações e enlaces. Oiticica é transformado em um artista “KLEEMANÍACO”, como relata Waly Salomão (2003, p.18. Grifo do autor), visto que suas ações, em certos pontos, caoticamente inventivas, ansiavam por “atingir o coração das coisas” (2003, p. 18).

O livro inicialmente projetado por Oiticica seria uma publicação com fragmentos, pequenos poemas, ideias acerca da arte, das suas atividades e do seu cotidiano que ele começava a escrever em 1969, mas não completa. Seu caráter era inovador, já que não se encaixaria ao tradicionalismo de uma compilação linear de textos e sim, em uma radicalização experimental da escrita. Notas, ideias, junções, uma intensa e confusa escrita que demonstrava o caleidoscópio criativo das suas palavras (figura 4, A e B).

⁵ Cf. COELHO, Frederico Oliveira. *Livro ou livro-me: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 175.

têm como referência o cineasta Júlio Bressane e também a citação do famoso poema *Un coup de dés*, mostrando mais uma vez, a proximidade de Oiticica com Mallarmé.

Em uma carta, escrita para sua cunhada, a poeta Roberta Oiticica, em 2 de maio de 1969, Oiticica mostra a complexidade de seu projeto, levando qualquer leitor à loucura no que diz respeito a sua forma e conteúdo. O projeto do artista repercutia tanto na estrutura como no conteúdo, compondo o espaço dessa “nova” forma através de uma intimidade plástica que se caracterizava pelos experimentalismos que sua arte exigia:

Roberta, aquela foto que vocês enviaram vai figurar no livro que estou planejando. Fiz a estrutura do livro e está genial; será como um livro chinês, só que mais complexo, pois não tem posição privilegiada: são oito células duplas, compostas de uma folha inteira dobrada em quatro; quando se desfolha não tem alto-baixo ou frente-trás. Toda sorte de imagem visual e verbal vai entrar, as coisas mais inesperadas (OITICICA apud COELHO, 2010, p.179. Projeto HO # 0773.69).

A concepção do inesperado, bem como a participação do espectador e, no caso do Livro, do leitor, são características marcantes na trajetória do artista. Dessa forma, o livro não seria apenas objeto de leitura. Oiticica aposta na inovação gráfica e estrutural do seu projeto como era típico do artista modificar a relação corpo-espectador-objeto. Ele levava o espectador a ocupar um espaço muito importante nas suas realizações artísticas e não seria diferente com o leitor-espectador de seu projeto de escrita, ponto central da condição do experimental que intitula o seguinte poema interligado à obra, a Mallarmé, a Mondrian, a Haroldo de Campos, a Malevitch e à estética singular do artista:

CONDIÇÃO DO EXPERIMENTAL:

premonição da *descoberta do corpo*
primeira aparição do COMPORTAMENTO
como elemento maior
↓
Não espectador:
a impossibilidade de permanência do espectador
como tal
↓
BRANCO NO BRANCO não é previsto:
quem sabe
deu-se em LANCE DE DADOS
na descoberta!
MALLARMÉ santo-baixado!
MALEVITCH- *oráculo*
well: então?
descubro laços
objetivados do q já sabia de afinidade
de aspiração maior!
EU- HAROLDO
HAROLDO- NÔ

(OITICICA apud COELHO, 2010, p. 161-162. Projeto HO # 0095.74, p.3).

Ao contrário de Mallarmé, Oiticica utiliza as inspirações casuais como matéria-prima de seus textos. Seu livro era planejado como uma coletânea de ideias geradas a partir de anotações do cotidiano. Como o próprio artista relata:

Quanto as ideias, projetos e clarificação quanto ao q quero e faço, minha cabeça tem dado muitas voltas: mil e umas e há na verdade uma afluência enorme de decisões e posições cada vez mais claras e radicais: afinal já cheguei aos 36 e não tenho tempo a perder: a meu ver a importância de fazer esse livro, mais do q o fato de ser mais um trabalho, é o de síntese de tudo o q eu quis e do sentido q porventura meu trabalho pudesse ter tido ou venha a ter: não há mais possibilidade de tolerar o q não interessa ou o q tenho q sintetizar (OITICICA apud COELHO, 2010, p. 220. Projeto HO # 1077.73).

Oiticica, por estar sempre em processo criativo, não parava de ter ideias tornando a conclusão do Livro impossível. Logo, a sua finalização seguia o rumo de um intenso inventar (des)contínuo e pulsante. O Livro quanto ao conteúdo era uma espécie de aglomerado que de tudo se falava, tudo se pensava, mistura de projetos realizados, a serem concluídos, cartas, um emaranhado incerto de referências e além de suas nascentes escrituras poéticas, traduções livres de alguns poetas e dentre eles, os poemas de Mallarmé, demonstrando como o poeta foi importante em seu percurso.

As obras de Oiticica estavam sempre relacionadas com as novas descobertas e não seria diferente com seu desejo de aglutinar no livro, como objeto palpável, sua reinvenção de escrita, indo ao encontro da descoberta e do novo. Ou seja, “Criar tinha de ser um estado de INVENÇÃO permanente” (COELHO, 2010, p. 167).

Para concluir, percebemos que enquanto Mallarmé sonhava um livro da ausência, Oiticica criava um livro da abundância. Mallarmé desenha uma flor, “ausente de todos os buquês”, conforme escreve na “Crise de verso” (MALLARMÉ, 2010, p. 167), enquanto que Oiticica, coloca as artes plásticas no seio incessante da vida. Ele tinha como desejo explorar os limites de um novo espaço criativo, costurando seus textos escritos, incansavelmente, para além de qualquer projeto prévio, estabelecendo vozes inaudíveis em repercussões no espaço em que a pluralidade das narrativas literárias e artísticas estivessem em harmonia e, como ele mesmo diz, sua “abordagem sempre foi e sempre será experimental [...] a única postura realmente inventiva e completamente criativa [...] é experimental” (OITICICA, 2009, p. 220).

Na ausência de um, na obsessão pela linguagem pura e absoluta, seu empenho em excluir qualquer traço da personalidade e qualquer interferência das circunstâncias; e no excesso, de outro, com a exploração dos limites criativos, da liberdade sobre seus escritos sem ter um projeto prévio – não resta dúvida que ambos transformaram suas vidas em um projeto intenso e singular identificado nos Livros que compunham.

Dessa forma, Mallarmé e Oiticica apresentaram suas inovações a partir de quebras na tradição da língua escrita e do espaço, e demonstraram o possível entrelaçar das artes culminando na grande obra que abrangeria, cada um a sua maneira, a forma e o processo criativo. Todavia, seus Livros não foram concluídos, já que “Um livro não começa nem termina: no máximo ele simula” (MALLARMÉ apud FONTES, 2007, p. 34)

e essa simulação inesperada tornou-se obra⁶ compartilhada de experiência com categoria própria, indo além das definições formais tradicionais.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMPOS, Augusto de.; PIGNATARI, Décio.; CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- COELHO, Frederico. *Livro ou livro-me: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica (1971-1978)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- FONTES, Joaquim Brasil. Os anos de exílio do jovem Mallarmé. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. p. 34. Apud COELHO, Frederico Oliveira. *Livro ou livro-me: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 174.
- MALLARMÉ, Stéphane. *Prosas de Mallarmé*. Tradução: Dorothee de Bruchard. Edição bilíngue. Porto Alegre: Paraula, 1995.
- _____. Crise de verso. In: *Divagações*. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.
- OITICICA, Hélio. *Hélio Oiticica*. Organização Cesar Oiticica Filho e Ingrid Vieira. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.
- SALOMÃO, Waly. *Hélio Oiticica: Qual é o parangolé e outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- SCHERER, Jacques. *Le "Livre" de Mallarmé - premières recherches sur des documents inédits*. Paris: Gallimard, 1957.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 05 de junho de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 07 de agosto de 2018.

⁶ A afirmativa vale-se de que o Livro é uma obra, por mais inconclusa que seja, pois, a dimensão adotada nos escritos de Oiticica e Mallarmé para essa produção que agrega suas experiências-vida, questiona os limites das práticas categóricas estanques.